



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XX Seminário de Iniciação Científica

EXPOSIÇÃO ‘CONHECER PARA PRESERVAR’ – UMA FERRAMENTA NA TRANSMISSÃO E RESGATE DO CONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS¹

Luana Jacinta Sauthier², Mara Lisiane Tissot-Squalli H.³

¹ Projeto de extensão do Pet Biologia/UNIJUI

² Discente do Curso de Ciências Biológicas, Bolsista do Programa de Ensino Tutorial (PET/MEC/SESu)

³ Docente do Curso de Ciências Biológicas, Tutora do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC/SESu)

RESUMO: A exposição Conhecer para Preservar, realizada pelo Pet Biologia/UNIJUI em 2012, teve por finalidade informar as pessoas sobre o correto uso das plantas medicinais, através de uma didática baseada na produção textual aliada a recursos visuais e pelo contato direto com a planta. A taxonomia, como ciência da classificação e identificação dos seres vivos, é uma importante ferramenta para evitar o consumo de fitoterápicos errados. O uso do nome científico, baseado na nomenclatura binomial desenvolvida por Lineu, descarta a possibilidade de uma espécie receber mais de um nome. O conhecimento popular torna-se cada vez mais restrito devido à renovação das gerações, à industrialização e modificação no modo de vida da população. Com a perda do conhecimento a respeito dos fitoterápicos e seu uso correto, aumenta o risco da automedicação, já que, em geral, os usuários não consideram o fato de que as plantas também podem apresentar contraindicações e que em altas doses podem ser prejudiciais.

PALAVRA-CHAVE: Fitoterápicos; taxonomia; etnobotânica.

INTRODUÇÃO

A utilização de plantas com fins medicinais para o tratamento, cura e prevenção de doenças, é uma das mais antigas formas de prática medicinal da humanidade (CAMPESATO, 2005), sendo que o conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades (MACIEL et al, 2002). Inúmeras espécies vegetais foram incorporadas à medicina tradicional e amplamente empregadas na cura de várias afecções humanas. Seu uso empírico era seguido de avaliação, mesmo que rústica e grosseira, dos sinais e sintomas que apareciam após seu consumo, até selecionar pela qualidade de respostas se determinada espécie seria útil ou não (DI STASI, 1996).

Um dos aspectos mais delicados na fitoterapia está relacionado à identidade das plantas. Por ser fortemente baseada em nomes populares, a verdadeira identidade de uma planta recomendada pode diferir de região para região, assim como espécies de plantas completamente distintas podem ter o mesmo nome popular (LORENZI & MATOS, 2011). A uniformização da nomenclatura botânica se faz necessária para evitar ambiguidades, que podem até trazer riscos para o usuário (LORENZI &





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XX Seminário de Iniciação Científica

MATOS, 2011) devido ao princípio ativo variar de espécie para espécie (VALE, 2002). Sendo assim, este problema pode ser contornado através do conhecimento taxonômico, pois, segundo Lorenzi e Matos (2011), uma das principais vantagens da nomenclatura botânica definida por Carolus Linnaeus consiste no fato de que cada espécie tem apenas um nome botânico. Não importa se a planta esteja sendo estudada por cientistas japoneses, árabes ou brasileiros. Caso a aplicação do nome esteja correta, o nome científico será sempre o mesmo, e espera-se que os representantes desta espécie apresentem as mesmas propriedades.

O objetivo esperado através da realização desta exposição foi o de informar os visitantes sobre o uso correto das plantas medicinais no tratamento de doenças, salientando a importância da taxonomia e da pesquisa bibliográfica como forma de evitar intoxicações com o uso da dose ou da espécie errada. Por meio da explicação oral, de recursos visuais, tais como banners e cartazes, além do contado direto com a planta, objetivou-se aproximar as pessoas da fitoterapia, ampliando seus conhecimentos sobre este assunto.

METODOLOGIA

A quinta edição da Exposição 'Conhecer para Preservar', promovida pelo grupo PET Biologia (Programa de Educação Tutorial) em parceria com os cursos de Farmácia e Agronomia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, apresentou como temática 'Plantas medicinais e aromáticas e princípios bioativos'. O referido evento ocorreu no espaço cedido pelo Museu Antropológico Diretor Pestana, vinculado à mesma instituição, no período de 22 de junho a 22 de julho.

As espécies de plantas medicinais trabalhadas foram selecionadas a partir de dois critérios: a aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e seu grau de utilização pela população no tratamento caseiro de doenças. O sistema adotado para a abordagem dos fitoterápicos foi a apresentação de exemplares vivos e a informação de dados elementares sobre cada espécie de planta, como seu nome científico e nomes populares mais usados, propriedades medicinais, toxicologia, contraindicações e imagens, sendo organizadas em forma de banners e cartazes e enfatizadas pelos monitores. As espécies tratadas nesta exposição foram:

SALÃO DO CONHECIMENTO

XX Seminário de Iniciação Científica
XVII Jornada de Pesquisa
XIII Jornada de Extensão

II Mostra de Iniciação Científica Júnior
II Seminário de Inovação e Tecnologia

2012



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XX Seminário de Iniciação Científica

Nome popular	Nome científico	Nome popular	Nome científico
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.	Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.
Anador	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Boldo-baiano	<i>Vernonia condensata</i> Baker
Losna-verde	<i>Artemisia annua</i> Pall.	Chá-de-bugre	<i>Casearia sylvestris</i> Baker
Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Melissa	<i>Melissa officinalis</i> L.
Aveloz	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Cidró	<i>Aloysia citriodora</i> L.
Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Pariparoba	<i>Piper peltatum</i> Ruiz & Pav.
Bardana	<i>Arctium lappa</i> L.	Bálsamo	<i>Cotyledon orbiculata</i> L.
Pata de vaca	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Mil-em-rama	<i>Achillea millefolium</i> L.
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.
Insulina	<i>Cissus sicyoides</i> J.G.Klein ex Steud.	Tansagem	<i>Plantago lanceolata</i> Hook.
Confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	Hortelã	<i>Mentha piperita</i> L., pro spec. & Hylander
Citronela	<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	Menta	<i>Mentha arvensis</i> L.
Capim-limão	<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf	Ipê roxo	<i>Tabebuia avellaneda</i> Lorentz ex Griseb.
Capim-cidreira	<i>Cymbopogon flexuosus</i> (Nees ex Steud.) Will. Wats	Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> Wall.
Palma-rosa	<i>Cymbopogon martinianus</i> Schult.	Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.
Cavalinha	<i>Equisetum arvense</i> L.	Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.
Lavanda	<i>Lavandula officinalis</i> Chaix	Erva-cravo	<i>Ocimum gratissimum</i> Seem.
Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Bardana	<i>Arctium lappa</i> L.
Espinheira-santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schröd.) Planch.	Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i> L.
Afavaca	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Macela	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.
Orégano	<i>Origanum vulgare</i> L.	Tomilho	<i>Thymus vulgaris</i> Willk.
Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.
Pulmonária	<i>Pulmonaria officinalis</i> L.	Alho	<i>Allium sativum</i> L.
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Camomila	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert
Aroeira-da-praia	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi		

Tabela 1 – Lista das 51 espécies de plantas abordadas e mostradas na exposição ‘Conhecer para preservar’.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Apesar de terem sido abordadas as espécies de plantas medicinais mais utilizadas pela população, muitas pessoas desconheciam algumas destas espécies ou o potencial medicinal de espécies mais familiares. Um dos aspectos relevantes foi a reação do público, principalmente de faixa etária menor, à função dos fitoterápicos ali expostos. Grande parte deste público associava algumas destas espécies preferencialmente ao paisagismo ou ao uso culinário sob a forma de tempero, e se surpreendia ao saber que podem ser usadas no tratamento de doenças.

Conforme Phillips e Gentry (1993), o uso popular de plantas medicinais é uma técnica baseada no acúmulo de informações repassadas oralmente por sucessivas gerações. À medida que essas gerações vão sendo substituídas, grande parte destas informações vai se perdendo, justificando a necessidade do resgate deste conhecimento. Com o início da industrialização e subsequentemente da urbanização, o conhecimento tradicional e a transmissão oral deste conhecimento foi colocado gradativamente em segundo plano. Também o acesso a medicamentos sintéticos e o pouco cuidado com a comprovação das propriedades farmacológicas das plantas tornou o conhecimento da flora medicinal sinônimo de atraso tecnológico e, muitas vezes, charlatanismo (LORENZI & MATOS, 2011).

No entanto, muitas espécies de plantas medicinais de uso popular renomado apresentam propriedades tóxicas, que justificam a necessidade de cuidado com suas dosagens e indicações. Ainda que a simples presença dessas substâncias não desqualifique o uso medicinal, é importante que se saiba se os efeitos são acumulativos, se a planta é definitivamente imprópria para o uso interno (LORENZI & MATOS, 2011), ou se há interações medicamentosas, por exemplo. Quais extratos são realmente ativos, como e quando podem ser prescritos e como devem ser preparados são questões que misturam o conhecimento



Para uma vida de CONQUISTAS.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XX Seminário de Iniciação Científica

popular ao científico e que devem ser respondidas através das comprovações científicas e da ampliação dos estudos das plantas (MACIEL et al, 2002). Em muitos casos, as pessoas subestimam as propriedades medicinais das plantas e fazem uso delas de forma indiscriminada. Entretanto, cada vegetal, em sua essência, pode ser alimento, veneno ou medicamento, ou tudo isto junto. Geralmente, a distinção entre as propriedades alimentícias, tóxicas e medicamentosas das plantas se faz apenas com relação à dose, a via de administração e a finalidade com que são empregadas (FRANÇA et al, 2008). Dentre os visitantes, aqueles que detinham certo conhecimento sobre as plantas, assim como do tipo de enfermidade às quais elas são recomendadas, demonstraram maior interesse, relatando a forma como seus ancestrais ou familiares recorriam à medicina natural, e em que casos usufruíam do potencial das plantas. Porém, não estavam informados quanto às dosagens permitidas e propriedades tóxicas que estas plantas apresentam, optando sempre por uma medicação intuitiva e baseada na herança cultural. Conforme Veiga Jr. (2008), a automedicação indiscriminada em todas as classes sociais, muitas vezes sem o conhecimento da toxicidade dos extratos vegetais, pode ser extremamente perigosa mesmo em se tratando do uso de plantas, e, neste caso, é melhor evitar o uso se não houver a garantia de que as propriedades farmacológicas esperadas sejam realmente obtidas, sem efeitos colaterais ou adversos perigosos para a saúde.

CONCLUSÃO

O ensino sobre plantas medicinais por meio de um evento como a exposição ‘Conhecer para Preservar’ permite conciliar o estudo numa forma mais agradável de ensino. O contato direto do visitante com a planta desperta maior interesse pela fitoterapia, pois combina estímulos visuais, tácteis e olfativos, despertando a curiosidade em conhecer a função que certa planta desempenha. Outra vantagem está relacionada à cultura tradicional herdada dos antepassados, onde o ouvinte, por já possuir certo conhecimento a respeito de determinada planta, interage com o monitor e com as outras pessoas, trocando e complementando suas informações. Por sua vez, a taxonomia relacionada às plantas medicinais e aos fitoterápicos representa uma forma eficaz de prevenir o uso de plantas inadequadas ao tratamento de determinada doença e também auxilia como suporte na pesquisa das dosagens recomendadas, formas de utilização e das contraindicações que a espécie de planta pode apresentar.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPESATO, V. R. Uso de Plantas Medicinais durante a gravidez e risco para malformação congênita. UFRGS, 2005.
- DI STASI, L. C. Plantas Medicinais: Arte e Ciência. Um guia de estudo interdisciplinar. Ed. UNESP, São Paulo, 1996.
- FRANÇA, I. S. X.; SOUZA, J. A.; BAPTISTA, R. S. & BRITTO, V. R. S. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. Rev Bras Enferm, Vol. 61, pg. 201-208, 2008.
- LORENZI L. & MATOS, A. F. J. Plantas medicinais no Brasil – Nativas e Exóticas. 2ª ed., Ed. Instituto Plantarum, Nova Odessa, SP, 2011.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XX Seminário de Iniciação Científica

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA JR, V. F.; GRYNBERG, N. F. & ECHEVARRIA, A. Plantas Medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Quim. Nova*, Vol. 25, pg. 429-438, 2002.

PHILLIPS, O. & GENTRY, A. M. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypothesis with a new quantitative technique. *Economic Botany*, Vol. 47, pg. 15-32, 1993. In COSTA, V.P. & MAYWORM, M. A. S. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes - município de Extrema, MG, Brasil. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Vol.13, pg. 282-292, 2011.

VALE, N. B. A Farmacobotânica Ainda tem Lugar na Moderna Anestesiologia? *Rev. Bras. Anesthesiol.*, Vol. 52, pg. 368-380, 2002.

VEIGA JR, V. F. da. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. *Rev. Bras. Farmacogn.*, Vol. 18, pg. 308-313, 2008.